

# Pão Nosso...

Porto, 24 de Agosto de 1910.

N.º 19

## SUMARIO:

- I.—VOZ DE FÔGO.
- II.—UM GENIO GAGO.
- III.—VIVA A SOCIAL...
- IV.—S. E. O.

## Voz de fôgo!

**Intentona? — Armamentos reacionarios. — O caso de Braga. — O exercito e os pronunciamentos. — Desde 1826 até á Saldanhada de 70. — Consequencias dum regresso ao passado.**

De chapa contra o *placard* do *Janeiro* que calmava os animos timoratos com o estendal das precauções guerreiras, assentes pelo governo em desfavor d'assombrosa conjuração militar,— ondeavam cabeças inquietas e comentarios em que a chocarrice e o pavor mutuamente se jarretavam. Vi olhos chispando iras, outros escurentados pela nevoa do medo. Escutei repentinos trocistas, e bandarras de sumo azêdo algaraviando futuras tragicas.

Saciado d'excentricas ineptias abalei do local. Precisamente ao rodar sobre o cotovelo da rua, um velhote de limpo traje, aquietava um ginja de toicinhos fartos.

— O amigo nunca ouviu o ditado: «Sazão d'agosto, andam as galgas de travez em torto?» Pois fique-se com elle nos folhos do travesseiro, e vamos dormir com Deus.

Na manhã seguinte, vascolejando os residuos do refraneiro do velho, devorei as gazetas. Que passara em Lisboa? Alvoroto de escassa monta. Ordenanças em galope aberto, tropas mal dormidas nas casernas, guardas dobradas, a policia encovada nas esquadras, conferencias de generaes e altos funcionarios, e p'ra chave d'abobada uma nota official do conselho de ministros, parodiando Cicero: — Que todos em socego podiam beijar suas mulheres, pois Catilina não apparecera!

Os periodicos dos desvairados matizes politicos desguarneciam os caixotins tipograficos, levantando a totalidade dos sinais d'interrogação. Referviam as conjeturas, negavam-se as responsabilidades assoprando-se torreões de duvidas. Ninguem conspirava, nem viv'alma bramira ameaça. Manobras tudo aquillo! Poeira, e sobre os turbilhões de cisco, um pé de vento cegando as vistas. Pois seja.

Mas . . .

\* \* \*

Mas, quem desde o começo do reinado de D. Manuel venha sublinhando, atenta e despreocupadamente, a linguagem dos partidos e órgãos reacionarios, seus actos publicos e seus conciliabulos de meia-porta aberta, a fervura dos odios, o limo revolto dum sub-solo d'infamias; — quem pesar as injurias bolsadas contra a Liberdade, os farejos de carniça do alto dos pulpitos, o instilar de peçonha das rotulas dos confissionarios, a basofia insolente da clericalha; — quem ponderar que a espionagem e a delação farçolam á luz do dia nos alcoices das ligas monarchicas, que o denunciante, em vez da picota e da *merdinbuca*, proveitos colhe da imunda profissão; — quem comparar os sintomas da doença social presente com os do periodo que preparou o *Terror* miguelino, d'aparencias tão germanadas — não sofrerá apodos de lunatico ou credulo, imaginando que só o medo e a impotencia tolhem conservadores e reacionarios dum golpe

de mão ou golpe d'estado, dum pronunciamento, ou duma se-  
dição.

A ninguem é extranho, pelo menos cá ao norte do país, a  
importação d'armamento que se tem feito para os partidos fran-  
quista e nacionalista.

Na imprensa se referiram as caminhadas conspiratorias do  
coronel Vasconcelos Porto, — espada de cortiça em demanda d'es-  
pingardas de cana.

Cidades ha, como em Braga, onde a padralhada mostra, num  
arreganho de caninos podres, pistolas Browning, com promessa  
de chacina proxima. O caso do comerciante daquella terra, ho-  
mem de bons creditos na praça, mas caceteiro estupidarrão e fa-  
natico sem açamo a quando da excursão republicana, não se pas-  
sou com a singelesa, aliás totalmente idiota, que as folhas lhe  
atribuiram.

Relatar-se que um cavalheiro desconhecido entrara pela loja  
dum negociante — politico d'intuitos e actos desbocadamente  
reacionarios — e á queima roupa, sem reбуços nem cautelas, pro-  
por-lhe mandasse vir de fóra 200 pistolas automaticas e respe-  
tivas cargas, é invento de sublime parvoice! O ignoto contra-  
bandista não temia denuncia, nem justiças, nem carcere! Para  
uma transação proibida nas leis, e perseguida á bruta nos dias  
que correm, tomava as precauções duma compra e venda de pos-  
taes com o retrato do Rei! Concorde-se que o emбуçado devia  
ser o inventor da polvora, e tudo em bem acaba!

Ora, segundo pessoas dignas de fé, de maneira diversa as  
coisas se passaram. As pistolas e cargas entraram e foram dis-  
tribuidas. O encoberto comprador só oculto ficou ás autorida-  
des. As armas andam, a estas horas, pelas bentas e sebentas  
unhas dos clerigos minhotos, que dos utensilios fazem gala, e  
com que acenam contra republicanos e dissidentes.

Que duvidas manter sobre as intenções facinoras da malta  
negra? Que temores os salteiam, no caso duma sublevação mi-  
litar dos seus, que não se resumam no receio dum esmaga-  
mento pelas forças contrarias?

\*

\*

\*

Pois bem. Imaginemos que os dados se jogavam, com vantagem para elles. Regressavamos na historia ao periodo que o jornalista Souza Bandeira definia: — « Para um homem ser ministro de Estado basta que um batalhão, de mãos dadas com um periodico, o queiram ».

Fazia-se do exercito uma prolação dos partidos politicos. Em vez de instrumento da defêsa nacional, um deposito de guerrilhas fardadas. Reviveria a epoca, tal a do predominio cabralista, em que os coroneis exijam dos officiaes arregimentados a *pallavra d'honra* de se não bandearem. Se recusavam—eram riscados do efetivo.

A facção que vencia, expulsava dos quadros aquelles que noutras parcialidades militavam. Os banidos fomentavam revoltas; apenas um capitão mais insofrido sublevava uma companhia, ou um major arrastasse um batalhão, logo em torno desse nucleo se concentravam os officiaes demitidos, e larga... á ventura... á caça... á guerra civil!

Querem repetir a historia? Pois ahi vae uma nota resumida e sêca dos *pronunciamentos*, desde o mez em que o ministro britanico Charles Stuart arribou a Lisboa na corveta *Lealdade*, trazendo-nos a boceta de Pandora, que o calão governativo chamou a Carta Constitucional.

\*

\*

\*

**1826 — 12 de julho.** — Publicação da Carta pela Regencia.

**22 a 26 do mesmo.** — Pronunciamentos militares no Minho e Traz-os-Montes.

**21 d'agosto.** — Pronunciamento absolutista do corpo da policia em Lisboa.

**5 d'outubro.** — Pronunciamento do marquês de Chaves em Vila Real; pronunciamentos militares em Viseu, Vilapouca, e Algarve.

*23 a 25 do mesmo.* — Guerra civil. Sublevação de Trazos-Montes. Os absolutistas que se haviam refugiado em Espanha, entram por Bragança ás ordens do general Silveira, por Almeida com Teles Jordão, pelo Alentejo com Magessi Tavares. Em dezembro do mesmo anno trava-se o combate de Cavez.

A Inglaterra manda uma divisão commandada por Clinton. Em janeiro de 1827 são batidos os absolutistas em Aguiar da Beira pelo general Constantino. Seguem em fevereiro as acções da Ponte do Prado e da Barca. Os absolutistas emigram para a Espanha. Dá-se-lhes amnistia. Rejeitam-na.

**1827.** — *29 d'abril.* — Pronunciamento da guarnição de Elvas.

*24 de julho.* — Tumultos em Lisboa. *28 do mesmo.* — Id. no Porto.

**1828.** — Começo do Terror miguelino.

*16 de maio.* — Pronunciamento constitucional da guarnição do Porto. Junta do governo.

*25 do mesmo.* — Pronunciamento no Algarve.

*28 do mesmo.* — Pronunciamento da praça d'Almeida. Guerra civil, terminando pela retirada dos constitucionaes sobre a Galiza. Em 16 de julho rendeu-se Almeida, ultimo reduto liberal defendido pelo general Padua.

Desde este anno até 1834, segue a resistencia dos constitucionaes, primeiramente na Terceira, e depois nos perigos da guerra civil. Entrementes, no reino:

**1829.** — *9 de janeiro.* — Tentativa de revolta militar em Lisboa.

**1831.** — *8 de fevereiro.* — *Idem,* em Lisboa.

*22 d'agosto.* — Pronunciamento militar d'infantaria 4 em Lisboa.

### **Apoz o triunfo dos constitucionaes**

**1836.** — *9 a 10 de setembro.* — Pronunciamento das guardas-nacionaes e parte da linha em Lisboa.

*4 de novembro.* — Conspiração militar palaciana (*Belemzada*).

**1837.** — *13 de janeiro.* — Sedição militar miguelista das Marnotas.

*12 de julho.* — Pronunciamento dos marechaes Saldanha e Terceira. Guerra civil, terminando pelo combate de Ruivães.

**1838.** — *4 de março.* — Petição armada dos batalhões nacionaes em Lisboa, para a queda do ministerio Bomfim.

*13 do mesmo.* — Chacina das guardas nacionaes no Rocio, por Bomfim e Sá da Bandeira.

*14 de junho.* — Sedição militar e popular de *Corpus-Christi*.

**1840.** — *26 d'agosto.* — Pronunciamento militar setembrista de Castelo Branco e Marvão (Miguel Augusto).

**1842.** — *27 de janeiro.* — Pronunciamento militar cartista no Porto (Costa Cabral).

*8 de fevereiro.* — Sedição militar cartista em Lisboa.

**1844.** — *4 de fevereiro.* — Pronunciamento de Torres-Novas (Cesar de Vasconcelos).

*8 d'abril.* — Pronunciamento da praça d'Almeida (José Estevam e coronel Passos).

**1846.** — *15 d'abril.* A «Maria da Fonte». (Cabecilhas de sotaina: O padre Casimiro — *general das duas provincias e defensor das cinco chagas* — o padre José da Lage, o conego Montalverne.)

*10 d'outubro.* — Pronunciamento militar do Porto (José Passos) Guerra civil da *patuleia*. Reaparecimento do miguelismo (Macdonell). Termina com a intervenção estrangeira e a convenção de Gramido em 24 de junho de 1847.

**1851.** — *Abril.* — Pronunciamento militar do Porto (Saldanha, Vitorino Damasio, Parada Leitão).

*18 de maio.* — Tentativa de pronunciamento militar cabralista em Lisboa.

**1862.** — *15 de setembro.* — Revolta de Braga.

**1868.** — A burla da *Janeirinha*.

**1870.** — *Maio.* — A derradeira *Saldanhada* em Lisboa. Nota historica: O snr. José Luciano de Castro, ao saber que havia tropas na rua, correu a encerrar-se no quartel da guarda

municipal. Ora para que havia de querer o Saldanha a pele daquelle marmanjo?

\* \* \*

Nem colorido, nem vigor, nem relevo acham no quadro? Pois vale mais que todos os argumentos, porém não cremos que elle convença, visto a Historia ser uma inutil e imortal semsaboria que não aproveita nem aos povos nem aos reis.

O que hoje mudou, foram as condições da sociedade portugêsa. Não florescia então a industria. Atualmente, só do Mondego para cima, enumeram-se umas 900 fabricas, representando milhares e milhares de contos. Quadruplicou ou quintuplicou o commercio, arrotearam-se incultos, a emigração do Brasil vasou em Portugal torrentes d'oiro. Os capitaes estrangeiros entraram á larga nos nossos empreendimentos de utilidade publica, e os prestamistas extranhos forçaram-nos á consignação dos rendimentos nacionaes.

Volvamos, por annos ou mezes ao capitulo dos pronunciamentos, e ver-se-ão as fabricas cerrar as portas, e as multidões operarias, sem pão, deitar-se-ão a monte, saqueando e devastando. Estão dentro do instinto da conservação da vida, porque a fome só é regida por uma lei: — saciá-la.

Teremos a falencia dos bancos e do grande e pequeno commercio, a ruina da propriedade rural, a impossibilidade de solver compromissos internos e externos, e o crédor de fóra a exigir o que se lhe deve. Renovar-se-ão as quadrilhas como ao tempo em que nas Beiras ellas governavam e se espedaçavam a tiro, travando combates, assinando convenios como o de Gavinhos, entre a do padre Joaquim, de Carragozela, miguelista, e as dos Brandões, de Midões, que serviam o Saldanha e Rodrigo da Fõnseca.

E acaso pensam que tal descalabro permitiriam as forças produtoras da nação?

Os alçamentos armados já nos nossos tempos se não batem entre corrilhos que mal se diferencam. Pelejam-se de sistema governativo contra sistema governativo. Hão-de faltamente produzir-se entre as instituições monárquicas e a democracia re-

publicana. Para lá voamos, sem travão algum sustando essa marcha inevitavel.

Um abalo militar contra um governo traria, não a queda deste, mas a do regimem. Bem o sabem os dinasticos, e isso lhes enfreia as ambições.

A Republica já não é o lirismo romantico de ha quarenta annos. E' a realidade que avança, com lentidão, como vagarosas rolam as torrentes de lava, macissas e ardentes, da boca duma cratera, mas que no seu baixar tudo calcinam.

## Um genio gago

**Um texto de manicomio. — O juiz de instrução na escola da tolerancia. — Novo catecismo. — Filosofia tres-noitada.**

Antonio Emilio d'Almeida Azevedo, nem catolico nem calvinista, nem livre-pensador nem mahometano, nem teosofo nem agnostico, é um engenho brunido á lixa, e tão mal apreçado na letra de molde que sempre a imprensa tem que descoser com elle.

No mez corrente, os meus amigos, dr. Carlos Babo e Manuel Bravo, tradutores dum excelente volume de vulgarisação — a Historia da Luta entre a Sciencia e a Teologia, de White, — ofereceram-lhe um exemplar. Retorquiu o magistrado em carta, cujo texto, o autentico segundo o juiz afiança, transcrevemos:

1910 — Agosto, 10

Ex.<sup>mos</sup> Srs.

Acabo de receber a «Historia da Luta entre a Sciencia e Teologia», que tiveram a bondade de oferecer-me com palavras proprias de sua educação e sentimentos.

Não conhecia White, mas li ha muitos annos, em Niagara Falls, «O conflito da Sciencia e Religião» de Draper, e aprecio muito a «Histo-

ria do Racionalismo», de Leckey, obras provavelmente semelhantes no assunto e intuitos.

Nós, ainda mesmo os livres pensadores, somos todos catolicos, apostolicos, romanos, uns por profissão outros por hereditariedade.

Draper, Leckey e toda a sciencia moderna, devem ensinar-nos uma virtude que, nos paises catolicos, é rara — a tolerancia.

Vi-a em acção na Inglaterra, na Suissa e nos Estados Unidos da America, e admiro os povos que a possuem. Muito estimarei que a sua obra concorra para aquelle fim. Teriam V. Ex.<sup>as</sup> prestado um grande serviço!

De V. Ex.<sup>as</sup>

*Antonio Emilio d'Almeida Azevedo.*

A um desembargador da Relação, poz a leitura do diploma, ouvi o parecer:—Este meu colega é a herva sardonica da classe! Anda sempre a coar adversidades que com destemperos cria!

\* \* \*

Um dia, o juiz deitou-se té á America. Ao desembarque enfiou na primeira livraria a adquirir o Draper, mai-lo Leckey. Correu de Nova York a S. Francisco sem desviar a vista dos volumaços. Vadeou lagos, barganteou pelos *bars*, fez a travessia dos estupendos açougues de porcos, e nem o grunhir dos suinos lhe descolou sequer uma pestana dos livros favoritos.

Trepou ás agulhas do mais alçado *sky-scraper* do mundo, foi atracado pelos mormons, *misses* gaiatas beliscaram-no de raiva, e no longinquo Oeste 15 dias viveu os trabalhos dos *cow-boys*, sem desenfrear o cavallo e a leitura.

Encaminhou-se ás cataratas do Niagara. Apontaram-lhe as margens do rio toldadas de reclamos gigantescos, as colunas d'espuma erguidas ao alto como trombas colossaes d'elefantes brancos, o ribombo das cachoeiras. E elle embebido nas paginas!...

Porfim empilharam-no numa barrica, deitaram-no a montante das quedas d'agua. Remoinhou no têsso da corrente em vertigens doidas, galgou o pavoroso salto, e pescaram-no ao arpão 4 ou 5 kilometros mais longe. Desenfardado, sacudiu-se, dobrou

os tomos que findara, agasalhou-os no sovaco, e correndo sobre o primeiro paquete, meteu para Portugal.

Vinha com a tolerancia anquilosada na cabeça e vágados frequentes. D'ahi lhe acontece que ás vezes sabe o que quer dizer, mas não sabe como dizê-lo. Compreende-se a si proprio, e não intende o que escreve. Sae-lhe a expressão um sarapatel de vasconço.

Se lhe migam a prosa, arrebatá-se, e padece de convulsões. Se o criticam, faz manguitos á tolerancia. Tresleu, e desentrosaram-se-lhe as engrenagens internas. Aquilo acaba mal... Hidrofobo, talvez

\* \* \*

No periodo, dentre os que citámos, que mais amargor de boca lhe trouxe,—provavelmente queria elle dizer: «Nós portugêses, mesmo falando dos que se apresentam como livres-pensadores, somos todos catholicos-apostolicos-romanos (isto é—intolerantes) uns por crença, outros por ineducação.»

Podia acrescentar que ha igualmente a intolerancia por interesses de classe e de seita, por sabujismo e por maldade. E elle, com avaliar dessa guisa alheios sentimentos, tenta encampar-se por espirito lavado de preconceitos, sem mesmo o do Bem. Paralelamente funciona como esbirro de ruindade nativa, trateia no potro os incriminados, insulta-os, gosma de raiva, escabuja de furor!

Mas, tomando á letra o seu escrito, e despresando hermeneuticas de bom quilate sobre o texto, temos o seguinte mistiforio:

*a)*—Livres-pensadores, de profissão catholicos apostolicos romanos:

*b)*—Livres-pensadores, catholicos apostolicos romanos por herança.

E um novo catecismo, destes dogmas derivado, vae ser proposto nas escolas e nos presbiterios.

P.—Sois livre-pensador?

R.—Sim, pela graça de Deus.

P.—Que coisa é ser livre-pensador?

R.—Crer em tudo o que manda a Santa-Madre-Igreja.

P.—Sois cristão?

R.—Sim, por herança de meu avô paterno.

P.—Que coisa é ser cristão?

R.—E' herdar dos antepassados os principios do livre pensamento, como herdei um dedo a mais na mão canhota e umas geiras de terra lavradia.

Notulas especiaes adaptam a doutrina a casos bicudos, por exemplo, ao dum filho de paes incognitos, e de profissão policia ou malsim.

Ora um desapaixonado, que passe em revista a filosofia que em furacão revoluteia no craneo do juiz, encontrará ali dentro, em choques de redondos seixos, farelos de Hegel, ácerca da identidade dos contraditorios.

O *não-ser* é identico ao *ser*. O nada tem tanto direito á existencia como o proprio ser. Identicos a verdade e o erro. Qualquer asserção não é menos ou mais verdadeira que a asserção irreduzivelmente oposta.

Crer no dogma ou negá-lo — são coisas iguaes na essencia. Inteligencia e cretinismo — o mesmo valem.

Por isso, quando elle abraçava republicanos, dando-lhes o parabem pelo justicamento do rei D. Carlos, queria precisamente significar as magoas que lhe iam n'alma. Ou talvez outra coisa não andasse a preparar do que o memorial para magistrado politico, encarregado pela Republica d'espionar os movimentos sediciosos dos monarchicos sobreviventes.

Pois nada ha como os larvados para os carretos odiosos!

## Viva a Social!

**Tactica reaccionaria do partido socialista portuguez. — Acusações de Mariano de Carvalho.**

O partido socialista dos dois circulos eleitoraes do Porto, e dum dos de Lisbôa, resolveu acudir á urna com lista propria. O

seu mais alto corpo dirigente decidiu-se segundo o desejo dessas corporações locais, aconselhando as do resto do país a votar nas candidaturas republicanas conforme as resoluções do congresso de Coimbra.

Trata-se duma questão de principios? Por maneira alguma. Os principios são como os axiomas. Vigoram tanto no equador como no pólo. Obrigam o socialista da Noruega como o da Nova Zelândia. Não mudam de pele de bairro para bairro.

Por conseguinte é uma questão de tactica. Varia esta segundo o tempo e o espaço. Diverge, ás vezes, dentro do mesmo país de localidade a localidade. Porém nas suas acomodações jámais pode lesar a doutrina, pois ofendendo-a, não tem direito a que por honesta a considerem. Deve a tactica ser subordinada, principalmente, ás condições do momento historico; favorecer a evolução progressiva, nunca retardá-la.

Ora, em Portugal, nas actuaes condições da sociedade portuguesa, o problema está posto. Dum lado as instituições monarchicas, representando a reacção politica-religiosa-social; á outra banda a formula republicana, batendo essa multipla reacção.

Toda a tactica dum partido avançado que derivar forças da onda republicana, só de reforço serve ao existente.

Estamos no direito de nos isolarmos — alegarão os socialistas. Erro. Ninguem se pode isolar do ambiente social. Um partido politico que desconhece o problema politico — é um agregado nullo. Ninguem gosa do direito á ignorancia. A Justiça é sempre consciente.

\* \* \*

Ha annos, Mariano de Carvalho que ninguem acoimaria de leigo no assunto, escreveu no *Popular* que o ministerio do reino para deitar um tropeço aos pés dos republicanos, favorecia *por todas as formas*, certas frações do socialismo português. Eram assim uma como dependencia dos fundos secretos.

João de Menezes no *Debate* registou e comentou as declarações de Mariano de Carvalho; na *Voz Publica* o mesmo pratiquei. E perante accusação de tal porte e gravidade, a publico

lançada por quem autorizado era, não houve dentro do partido socialista, jornal, corporação, ou graduado, que saísse a lume com a negativa! O caso explica-se, porque Mariano de Carvalho, conhecido profundo de todos os bastidores políticos, se um contrador aparecesse, esmagá-lo-ia. Por isso, os ouvidos de mercador, tornaram-se orelhas de surdos mudos.

A tactica dos socialistas portuguezes, na vizinha Espanha norteou o partido socialista largos annos. Pablo Iglesias, por despeitos e estreitas interpretações doutrinarias, acirrava os seus contra os republicanos. Só a a monarquia lucrava.

Maura curou-os da cegueira, a tiro. Iglesias volveu dos seus odios a uma aliança com que se acentuou o avanço de todas as reivindicações democraticas.

Em Portugal, onde as ideias penetram já quando lá fóra branquejam d'idade, só d'aqui a vinte annos entrarão nas filas dos nossos socialistas, os quaes a incultura, e a desconfiança que sempre lhe anda apensa, conservam sem prestimo para as classes operarias, nem para a nação.

Queiram ou não queiram, ajudam á missa do p.<sup>o</sup> Matos e formam entre os caudatarios de D. Manuel. E levantou-se um Karl Marx á meia noite...

## S. E. O.

AO "DIARIO DA TARDE."

**No Comicio republicano do Principe Real. — As eleições no distrito. — Acôrdos na Povia, Vila do Conde e Santo Tirso.**

Na semana passada, um suelto do *Diario da Tarde* em polemica de mansidão com o *Porto*, remetia-me os comentarios deste periodico que pitadeava frases, pelo mesmo á minha pessoa atribuidas, no comicio eleitoral republicano do Principe Real.

Não sou leitor do *Porto*, e dès que o snr. visconde de Sou-

za Soares, fidalgo de trinta canadas de sangue visigotico na sua linhagem e nos boiões da sua botica, se meteu a enxaropar as belas letras, tres ou quatro vezes apenas lhe decifrei a prosa. O medico receitara-me uma purga psico-terapica.

Que eu não desdenho do talento do fidalgo! Mas como lhe não aproveito os peitoraes e outras moxinifadas, tambem não preciso de soletrar o orgão das suas especialidades farmaceuticas.

Acresce que nunca usei entregar á imprensa rascunhos de falas minhas, nem papeletas com gregotins de discursos canhestros. Bem me basta o trabalho de os proferir, quanto mais o de os escrever! Não me come a brotoeja d'orador, nem acredito alugar jazida nos Jeronimos, por meia duzia de frases lançadas dum tablado de comicio. Sem vãos orgulhos o confesso, como ajunto que em actos publicos cardo o meu glossario, precatando-me d'aplausos baratos.

Punha o *Diario da Tarde* duvidas ás boas manhas do *Porto*, porém o snr. José d'Alpoim, tomando como textuaes palavras duma resenha telegrafica, doia-se da minha injustiça, que crueldade chamava.

O que no Principe Real disse, ei-lo na essencia, sem que a forma assegure rigorosa, pois não tomando notas prévias, nem me avençando como prodigio de memoria, obrigado sou por lealismo a declará-lo.

«Não posso dizer mal do sr. Alpoim, por ser elle o mais habil e inteligente dos politicos monarchicos. Mas quem nas horas de perigo, como em 28 de janeiro, contra a Monarquia conspirou, não tem direito de, transposto o aperto, para a Monarquia se volver, servindo-a em desfavor da Democracia. Os actos d'hoje colidem com o proceder d'hontem. E' odioso apoiar agora — que nada mudou — o que na vespera se tentara derruir. Não estranhe, por conseguinte, nossos ataques mais duros, aquelle que num volver da roda se tornará talvez formidavel inimigo.»

Discuta-se se o meu criterio é reto, se ando iludido nos informes, se sou parcial no juizo, se apaixonado nas vistas. Mas não me calha o sestrio de responder... por aquillo que não avancei.

Arrumada essa questão, entremos no capítulo: — Eleições no distrito. No panfleto anterior rematara as minhas considerações assentando que em materia urneira, todas as congeminências se deviam resalvar com o commercialissimo *salvo erro ou omissão*.

De facto, em parte ellas sofreram quebra, como aconteceu na distribuição das candidaturas blocarias, pelos dois circulos tripeiros. Escrevera que os henriquistas queriam quatro, e quatro os lucianistas. Que o franquismo desejava duas, e que dos dois primeiros partidos, nenhum sentia ganas de se descartar dum candidato, em beneficio do nacionalismo.

Mudaram os ventos. A lotaria deu: — cinco henriquistas, dois franquistas, dois progressistas, e um papa hostias. Pagaram o pato as gentes da Bairrada, com entranhado furor do sr. Pedro d'Araujo, surprezo da escassez da fatia, e atualmente de má catadura para o resto do blóco.

Quaes os meus enganos que sobram? Teimar que dissidentes e governamentaes aliança travaram? Eis ahi as listas do governo incluindo deputados do snr. José d'Alpoim.

Anotar que nos dois bairros do Porto não fôra, até á data, possivel o accordo, entre o blóco e o governo? As folhas de terça-feira inseriam ameaças do snr. José Arroio contra os blocarios, pela guerra que estes lhe moviam, e no centro regenerador prometeu desforra mal se tratasse da eleição camararia.

Pôr em publico que dissidentes e governamentaes, para arrancar as minorias aos republicanos, necessitam duns milhares de listas do blóco? Assegurar que em tal sentido acôrdos parciaes se acham rubricados, em varios concelhos do distrito?

Pois miudeemos.

Acôrdo concluido na Povoia de Varzim, por intermedio do dr. David Alves, cunhado do snr. Anselmo d'Andrade. Serão contados 200 votos aos governamentaes e dissidentes.

Acôrdo em Vila do Conde na assembleia de Vilar do Pinheiro. O maior influente da região é o snr. Manuel Francisco

da Silva, que em tempos foi republicano dentro da cidade, e regenerador em Vila do Conde. Deixava as convicções nas barreiras, penduradas nas guaritas dos guardas fiscaes. Tinha duas andainas.

Tenta elle não realizar o acto eleitoral em Vilar de Pinheiro, pois sendo uma parte do eleitorado d'ali composto por operarios que no Porto trabalham, quer que elles venham votar nas assembleias cidadinas. Este snr. Manuel Francisco está dirigindo as manobras no distrito. E' o grande-eleitor.

Acôrdo no concelho de St.º Tirso, por intermedio do dr. Ferreira de Lemos e das Fabricas, que dispoem de cêrca de 2:000 votos. Algo toca aos dissidentes e teixeiristas, pois levam aquillo que os republicanos regeitaram. Previamente se bateu á nossa porta, e de nós receberam, conforme o estabelecido nos congressos, recusa formal.

\* \* \*

Mas assim como o *Diario da Tarde* me acenava com te-soiras que me haviam de rapar á escovinha as guedelhas da fantasia, na carta do *Janeiro* o sr. José d'Alpoim, em tom dogmatico concluia que eu cometera «grandes inexatidões.»

Detesto essas vagas afirmativas, generalidades que tudo abrangem, e nada especificam. Nem o publico as leva em conta, nem ao escritor que pode estar em erro, mas é sincero, conveem no tocante a discussões. Asserções concretas, respostas concretas exigem.

Dois dias nos separam da prova. Palpar-se-ha, então, a realidade.

## Alfandegas e correios

Excesso d'assuntos de carater politico, ocupando o espaço de que dispomos, tem-nos obrigado a deixar de pousio esses assuntos locais. Não se perde a barrela, em passando as eleições.